

Formas de subjetivação nas grandes cidades: modo de vida urbano em Georg Simmel e Louis Wirth

Sérgio Ricardo Gomes dos Santos Melo¹

Resumo

É incontestável o desenvolvimento vertiginoso do fenômeno urbano que com todo seu corolário repercute decisivamente nas formas modernas de sociabilidade. A vida urbana ascende ao mesmo tempo em que o projeto moderno ganha robustez. Modernidade e urbanidade carregam consigo um conjunto de ambiguidades. Estas, por suas vezes, produzem um modo de vida especificamente moderno, especificamente urbano. A maneira de “Ser” na cidade implica um conjunto de disposições psíquicas em consonância com as profundas transformações estruturais inscritas na moderna vida urbana. Neste artigo, irei apresentar alguns dos elementos centrais do texto simmeliano *A metrópole e a vida do espírito*, bem como sua influência sobre o trabalho de Louis Wirth em *O urbanismo como modo de vida*. Ambos os ensaios representam pontos de partida fundamentais para a sociologia e a antropologia urbanas.

Palavras-chave: Sociologia urbana; modo de vida urbano; teoria social; modernidade.

Forms of subjectivation in the great cities: urban way of life in Georg Simmel and Louis Wirth

Abstract

The dizzying development of the urban phenomenon, which with all its corollary has a decisive impact on modern forms of sociability, is indisputable. Urban life rises at the same time that modern design gains robustness. Modernity and urbanity carry with them a set of ambiguities. Which in turn produce a specifically modern, specifically urban way of life. The way of "Being" in the city implies a set of psychic dispositions in line with the profound structural transformations inscribed in modern urban life. In this paper, I will present some of the central elements of the Simmelian text *The metropolis and the life of the spirit*, as well as its influence on the work of Louis Wirth in *Urbanism as a way of life*. Both essays represent fundamental starting points for sociology and anthropology urban.

Keywords: Urban sociology; urban life way; social theory; modernity.

¹ Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: sergio_gomes08@hotmail.com.

“[...] as coisas são sempre ambíguas [...]”.

Simmel

1. Introdução

Neste artigo, irei apresentar alguns dos elementos centrais do texto simmeliano *A metrópole e a vida do espírito*, bem como sua influência sobre o trabalho de Louis Wirth em *O urbanismo como modo de vida*. Ambos os ensaios representam pontos de partida fundamentais para a sociologia e a antropologia urbanas. Entendo que, em especial, Simmel ultrapassa as preocupações estritamente urbanas e sua reflexão se insere no contexto das mais vigorosas análises críticas da modernidade. A partir das categorias analíticas presentes em seu texto de 1903, podemos lançar luz sobre um conjunto de questões centrais da vida urbana contemporânea.

Pode-se objetar que a realidade das grandes cidades conhecidas por Simmel em muito se distancia da paisagem urbana de hoje. Inversamente, acredito que muitos dos fenômenos observados em estágio embrionário na Berlim do início do século XX se radicalizaram e ampliaram o seu alcance, o que, entendo, afirma a atualidade de seus escritos.

A ideia de aceleração e de velocidade, por exemplo, associada por Simmel à moderna vida metropolitana vem se acentuando com progresso das tecnologias, aprofundando a ruptura espaço-tempo já salientada pelo autor alemão e impactando decisivamente nos modos de vida, o que, segundo Haroche (2014, p. 99) induz “... a um sentimento de instabilidade e de mudança permanente, intensificando a incerteza e a angústia”. A fluidez e a efemeridade tão marcantes nos processos sociais hodiernos impõem perdas de referência espacial e temporal que vem repercutir na economia psíquica e em seus mecanismos de defesa. A escalada de movimentos de ódio por todo o globo me parece ter filiação com a aversão e a hostilidade crescentes do moderno homem metropolitano de Simmel. A indiscutível hegemonia do dinheiro e da economia monetária, com todo o seu corolário, sobre todas as esferas da vida social, sugere a vitalidade do ensaio de Simmel e a pertinência de sua análise crítica sobre a moderna vida nas grandes cidades.

No ensaio *O urbanismo como modo de vida*, Wirth prossegue em muitos aspectos a discussão de Simmel, no entanto, não sem divergências. Neste texto, pretendo também apontar alguns pontos de encontro e distanciamento entre os autores.

Na primeira parte, abordo o que considero os pontos centrais do ensaio de Simmel e, no segundo momento, apresento a análise de Wirth e onde o proeminente membro da Escola de Chicago converge e diverge de seu conterrâneo. Com essa breve incursão aos seus ensaios, busco reafirmar a importância do debate proposto pelos autores.

2. A modernidade e as grandes cidades

Em primeiro lugar, é importante destacar que, para Simmel, há uma umbilical correspondência entre modernidade e as grandes cidades, ou seja, “... a cidade é moderna e a modernidade é urbana”. É nas grandes cidades que as forças da modernidade encontram as condições favoráveis ao seu pleno desenvolvimento. Assim, a metrópole seria o signo por excelência da modernidade. Nesse sentido, observa Birman (2014, p. 8) que “[...] os conceitos forjados para empreender a descrição da metrópole seriam uma ‘difração’ de sua leitura da modernidade”.

Temos com isso que a modernidade encontra na forma urbana sua configuração histórico-concreta e no modo de vida urbano, sua especificidade em relação às formas sociais anteriores. A metodologia utilizada por Simmel permite apreender a modernidade em suas ambiguidades. Na verdade, a modernidade é atravessada por ambiguidades, e delas resultam os grandes impasses da vida urbana moderna.

Simmel procede a uma análise dos contrastes e em todos os momentos do texto trabalha com pares de oposição: mediato/imediato; qualitativo/quantitativo; proximidade física/distância mental; emocional/mental; dependência/liberdade; interior/exterior; homogeneização/individualização; estabilidade/labilidade; cultura subjetiva/cultura objetiva; liberdade/solidão, entre outros. O contraste permite não apenas distinguir a forma urbana moderna da vida nas pequenas localidades, como também explicita as contradições presentes na própria vida metropolitana moderna.

A contradição central da vida metropolitana moderna reside na vontade do homem em “preservar a sua independência e individualidade” prante a crescente dependência e a homogeneização impostas pela modernidade. Segundo Simmel, a luta do homem moderno frente aos “poderes supremos da sociedade” é a versão atualizada “[...] da luta pela sobrevivência que o homem primitivo teve de travar com a natureza” (SIMMEL, 1997, p. 33). Os séculos XVIII e XIX constituem dois momentos dessa luta. Enquanto na França se travava uma batalha contra as forças caducas do antigo regime, o que se refletiu na emergência da figura do cidadão liberto das excrescências feudais, na Alemanha um movimento de inspiração romântica procurou regastar as singularidades do indivíduo. A liberdade e a individualidade constituem, dessa maneira, uma conquista moderna, no entanto, a mesma modernidade que põe essa possibilidade histórica impõe desafios à sua preservação.

Na vida moderna – expressa nas grandes cidades –, há uma “[...] intensificação da vida emocional decorrente da mudança brusca e continuada dos estímulos internos e externos” (SIMMEL, 1997, p. 33). A divisão do trabalho, o progresso sócio-técnico e a economia monetária revolucionam de maneira profunda a forma de Ser e de ser na cidade. Esses três fenômenos redesenham o mundo moderno reivindicando do sujeito estratégias para a autopreservação de sua vida interior. Simmel vai investigar essa tensão entre interior e exterior, individual e supraindividual a partir dos ajustamentos das personalidades aos fatores que lhe são externos. O que interessa para Simmel, aqui, é examinar a base psicológica sobre a qual se constrói a individualidade metropolitana.

Diferente da vida nas pequenas localidades, onde as sensações são duradouras e o fluir sensorial e mental, mais lento, mais familiar e mais tranquilo, na vida metropolitana somos borbadeados por imagens em movimento alucinante e inseridos em uma teia de relações mais extensa e complexa, onde cada um representa apenas uma peça de uma gigantesca engrenagem. A aceleração é a força motriz da dinâmica vida moderna.

Essa intensificação da vida nervosa promove o intelecto à posição de principal “órgão” do homem perante as instabilidades e a imensa diferenciação da vida na grande cidade. Conforme Simmel,

O intelecto, situado nas camadas transparentes e conscientes mais elevadas do espírito, é a mais adaptável de todas as nossas capacidades interiores. De forma a adaptar-se às alterações e contradições dos acontecimentos, o intelecto escapa à perturbação e aos choques interiores. [...] Por conseguinte, o homem metropolitano, de que existem inúmeros gêneros (sic) individuais, desenvolve uma capacidade protectora contra a profunda perturbação com que o ameaçam as flutuações e descontinuidades do ambiente externo (SIMMEL, 1997, p. 34).

Em contraste ao homem das pequenas localidades, o indivíduo nas grandes cidades tende a ter uma postura racional em detrimento da atitude emocional que prevalece nas interações entre aqueles. A “atitude intelectualista” é um mecanismo de defesa de um homem jogado em um mundo rápido e altamente diferente. Um mundo onde as singularidades são engolfadas por um processo social de nivelamento. Agir racionalmente é uma exigência sob pena da desintegração da subjetividade.

Pode-se observar uma mudança antropológica na modernidade que afeta a própria sensibilidade humana pelas transformações que advêm da homogeneização do qualitativamente distinto. Essa dimensão econômico-psicológica é fruto do desenvolvimento do dinheiro e da economia monetária.

2.1 O dinheiro e a economia monetária

Assim como para Simmel há uma relação inextricável entre modernidade e as grandes cidades, essa relação existe entre modernidade e o desenvolvimento da economia monetária. Nesse sentido, o desenvolvimento da vida moderna está vinculado ao desenvolvimento do dinheiro e será a metrópole a sede da economia monetária.

O tipo de individualidade que a grande cidade estimula é em grande medida resultado das pressões externas criadas por um mundo governado pelo dinheiro. As características inerentes ao dinheiro animam a intensificação da divisão do trabalho, a complexificação e a extensão da sociedade como um todo. De acordo com Waizbort, o dinheiro tem um duplo papel: “ele é por um lado aquilo que circula sem cessar, por outro o ponto fixo em torno do qual tudo, os homens e as coisas, circulam” (WAIZBORT, 2000, p. 145). O dinheiro diferencia e une todas as coisas e isso é possível pois a grande qualidade do dinheiro é não ter qualidade alguma, e é justamente sua força despersonalizadora que o torna o nivelador universal, o denominador comum a tudo, ele esvazia de conteúdo e de substância coisas e pessoas, estruturando a sociedade a partir do quantitativo, “o que é específico, o que é incomparável é subsumido quando o dinheiro entra em cena” (idem, ibidem, p. 141).

Em uma instigante passagem, Simmel estabelece uma relação entre Deus e o dinheiro:

Já se disse, tanto em tom sarcástico como elegíaco, que o dinheiro seria o deus de nossa época. De fato podem-se descobrir relações psicológicas significativas entre as duas idéias (sic) aparentemente tão opostas. A idéia (sic) de deus tem sua essência mais profunda no fato de que todas as diversidades do mundo atigem nele uma unidade, que ele é a *coincidentia oppositorum*, na bela expressão de Nicolau de Cusa. A partir dessa idéia (sic), de que todas as oposições e irreconciliações do mundo encontram nele seu equilíbrio e unificação, origina-se a paz e a segurança, mas ao mesmo tempo a densa plenitude das representações variadas que nós encontramos na idéia (sic) de deus. A similitude psicológica de sua idéia (sic) com aquela do dinheiro é pelo precedente clara. O *tertium comparationis* é o sentimento de calma e segurança que justamente a posse do dinheiro, em contraste com todas as outras posses, oferece, e que corresponde psicologicamente àquele sentimento que o devoto encontra em seu deus. Nos dois casos há a elevação sobre o singular que nós encontramos no objeto ansiado, a confiança na onipotência do mais alto princípio [...]. Exatamente como deus na forma da crença, o dinheiro é, na forma do concreto, a mais alta abstração à qual a razão prática se elevou (SIMMEL *apud* WAIZBORT, 2000, p. 145).

A analogia entre Deus e o dinheiro afirma a importância e o lugar que esse deus secularizado ocupa na sociedade moderna. Ele dita os ritmos e rumos do homem no mundo moderno e através do seu automovimento os indivíduos transitam e se relacionam. É traço constituinte da economia monetária seu caráter expansionista, o que a conduz à progressiva

supressão de barreiras, tanto espaciais como temporais. Posso dizer que o ilimitado está no cerne da economia monetária; a moderna vida metropolitana é, por conseguinte, cosmopolita.

Tenho que salientar sempre a ambiguidade presente em todos os fenômenos modernos, ambiguidade essa presente na categoria dinheiro. “[...] Com o dinheiro no bolso nós somos livres, enquanto anteriormente o objeto nos fazia dependente das condições de sua conservação e frutificação. Só que, como ocorre frequentemente, essa liberdade significa ao mesmo tempo a ausência de conteúdo da vida” (WAIZBORT, 2000, p. 185).

Ele, o dinheiro, é ao mesmo tempo alienante e o responsável pela possibilidade da liberdade. Descolore as particularidades e fertiliza o terreno para o florescimento da individualidade. Impessoaliza as relações e aumenta a autonomia do sujeito. Como bem aponta Waizbort (2000, p. 149), “... o dinheiro é aquilo que une e separa ao mesmo tempo, ele é o símbolo por excelência da *ambiguidade*”.

Ao apreender esse papel duplo do dinheiro, Simmel compreende as ambiguidades presentes na modernidade. O dinheiro é a chave para o desenvolvimento da divisão do trabalho, pois sua característica impessoal e objetiva permite reunir e mediar todas as diferenças.

Com a especialização operada pela divisão do trabalho, os homens se tornam mais dependentes. Simmel observa que, na medida em que o dinheiro proporciona a divisão da produção, “[...] ele liga os homens forçosamente entre si, pois então cada um trabalha para o outro e somente o trabalho de todos cria a unidade econômica abrangente que completa o trabalho parcial do indivíduo”. E prossegue: “... hoje, somos muito mais dependentes dos fornecedores, embora possamos trocá-los frequentemente e a gosto: nós somos muitos mais independentes de qualquer fornecedor determinado” (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000, p. 151). Esse movimento dota o indivíduo de liberdade e propicia um aumento da individualidade no interior da vida moderna nas grandes cidades. Segundo Simmel, quanto menor o círculo social, mais restritas são as relações com os integrantes do grupo, dissolvendo os limites da individualidade.

Com a parcelização do trabalho, cada um desempenha apenas uma fração do trabalho geral, tornando cada trabalhador particular em um membro do trabalho coletivo. Como resultado, temos um processo de desantropomorfização do trabalho. Esse processo nos torna mais dependentes do conjunto da sociedade e torna o trabalho mais impessoal e anônimo. Os conteúdos concretos dos diversos tipos de trabalho desaparecem perante a abstração do dinheiro, que adquire a forma de equivalente geral.

A dupla face desse processo é simultaneamente um incremento da liberdade e da dependência. Ao nos relacionarmos com um mundo objetivo e/ou coisificado, indiferente aos conteúdos e diferenças no âmbito público, tendemos ao recolhimento, o que permite no âmbito

da vida privada o enriquecimento interior. Segundo Simmel, exatamente essa relação “[...] produziu um individualismo forte: não o isolamento frente aos outros, mas sim a relação frente a eles, mas sem consideração a quem ele é, seu anonimato, a indiferença em relação a sua individualidade” (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000, p. 151). Essa indiferença em relação ao outro faz com que nos voltemos para dentro. Percebemos, assim, uma nítida separação entre o lado de fora e o lado de dentro, entre a esfera subjetiva/privada e objetiva/pública. A desnecessidade de relações pessoais conduz o homem a explorar suas camadas mais íntimas, como em nenhum período da história até então.

As correntes da cultura moderna desaguam em duas difereções aparentemente opostas: por um lado no nivelamento, no aplainamento, na produção de círculos sociais cada vez mais abrangentes através da ligação do mais remoto sob as mesmas condições; e por outro lado destacando o que há de mais individual, na independência da pessoa, na autonomia de sua formação. E as duas direções são implementadas pela economia monetária, que por um lado propicia um interesse absolutamente geral, que atua por toda parte do mesmo modo, como um meio de entendimento e associação; e por outro lado propicia à personalidade a mais elevada reserva, individualização e liberdade (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000, p. 152).

A citação acima traduz como Simmel compreende a modernidade. O dinheiro ocupa lugar central no progresso do homem na direção da liberdade individual, contudo, ele progressivamente aprofunda a distância entre o sujeito e o objeto, entre o mundo objetivo e o subjetivo, o que gera um mundo reificado e estranhado – apesar do autor não utilizar esses conceitos. Posso dizer que, nesses termos, o indivíduo se torna um agente passivo diante da força de relações sociais que se autonomizaram e seu único espaço de “protagonismo” se circunscreve a sua vida íntima.

O fluxo infatigável do dinheiro inscreve no mundo moderno o esquecimento, a indiferença, o anonimato, a descoloração de todas as diferenças. Essas características entrincheiram o homem em seu universo subjetivo e individual. Dessa tensão entre mundo objetivo e subjetivo, emerge um fenômeno psíquico de autopreservação próprio da vida nas grandes cidades: a atitude *blasé*.

2.2 Atitude *blasé* e a recusa

A monetarização da vida econômica promove a ascendência do mundo objetivo sobre o subjetivo, o que implica no aparecimento de mecanismos de autodefesa da personalidade no homem metropolitano. O centro dessa estratégia é o refúgio em sua individualização.

Há uma crescente necessidade de preservação da individualidade na medida em que o mundo exterior, hegemonizado pelo dinheiro, esvazia de significado todas as coisas.

O indivíduo moderno trava um batalha para não ter subtraído de si suas singularidades, para não se ver pasteurizado como todas as coisas. Waizbort (2000, p. 153) observa que, “quanto mais o homem moderno é nivelado no mundo exterior, mais ele se recolhe à sua interioridade”. Mais que uma mera escolha, o recolhimento a vida íntima é, ela mesma, uma exigência da vida moderna; de outra forma, não seria possível a liberdade e a individualidade, consideradas conquistas da modernidade.

A preservação da individualidade se reflete num tipo de comportamento psicossocial especificamente urbano: a atitude *blasé*. Essa atitude se manifesta em um alheamento em relação às diferenças, o que promove o distanciamento em relação ao outro. Essa desvalorização das diferenças é fruto da internalização da economia monetária. A velocidade dos fluxos e a indistinção, associadas à monetarização da vida econômica, estão no centro dessa resposta psicológica. “Ela é, em primeiro lugar, a consequência dos estímulos nervosos que, em acelerada mudança, emergem com todos os seus contrastes e dos quais a intensificação da racionalidade metropolitana parece resultar” (SIMMEL, 1997, p. 37). A intensificação dos fluxos e estímulos aos quais o homem das grandes cidades está sujeito o impossibilita de dar respostas imediatas a esse conjunto incomensurável de informações e situações com as quais se depara. Como observa Waizbort (2000, p. 328), “o *blasé* é insensível, indiferente, fatigado, saturado, lasso [...] pois a enorme quantidade de estímulos com que ele se vê defrontado ao viver na metrópole lhe exige uma incapacidade de responder adequadamente a tal fluxo”.

A velocidade e a intensidade da vida moderna geram um estado permanente de insegurança, vacilação, hesitação, transitoriedade, o que veda a possibilidade de tomar partido ou decisões a todo instante, pois, a todo momento, novos estímulos e sensações são criadas. Sendo assim, a *não resposta* funciona como um escudo protetor da subjetividade. Além do mais, responder a essa enxurrada de situações demanda muita energia, o que impossibilita o homem moderno de dar respostas adequadas a todas elas.

A atitude *blasé* assume também uma outra característica da monetarização da vida econômica. A descoloração de todas as qualidades intrínsecas às pessoas e coisas leva a uma desvalorização das diferenças. Esse traço do *blasé* está diretamente associado ao poder de nivelamento do dinheiro. De acordo com Simmel, “a essência da atitude *blasé* encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas. Não no sentido de que [...] não são percebidas como significantes” (1997, p. 37). Assim como o dinheiro homogeneiza as diferenças acizentando as particularidades, o homem metropolitano vê o mundo num “colorido homogêneo (*sic*), monótono (*sic*) e cinzento”.

O dinheiro objetifica o mundo e o reduz a aspectos aferíveis. Esse poder de mensuração só é possível visto que apenas o quantificável interessa. O quantificável é intercambiável e a grande qualidade do dinheiro é permitir a troca entre todas as coisas; se por um lado a economia monetária entusiasmou a multiplicação das diferenças, por outro, através do dinheiro, ela as reduziu ao um *quantum*. As qualidades inerentes às coisas desaparecem e deságuam todas no signo abstrato do dinheiro, que “[...] sujeita todas as diferenças qualitativas ao critério do ‘quanto custa’”.

Na medida em que o dinheiro, incolor e insensível à qualidade, se torna o denominador comum a todos os valores, ele transforma-se num terrível nivelador: esvazia, de uma forma incontornável, a essência das coisas, as suas peculiaridades, o seu valor específico, no imparável fluxo monetário. Permanecem todas ao mesmo nível e apenas a sua quantidade as distingue (SIMMEL, 2000, p. 37).

A atitude *blasé*, dessa forma, é o reflexo subjetivo da economia monetária, um tipo de disposição psicológica causa e efeito da moderna vida nas grandes cidades. A indiferença diante do outro e das coisas é a incorporação no plano da subjetividade da objetificação do mundo operada pelo avanço da monetarização econômica. O homem moderno passa a encarar as coisas e as pessoas da mesma forma que o dinheiro o governa, ou seja, pesando-o e medindo-o, perdendo toda a capacidade de distinguir. Todas as coisas “[...] apareceriam às pessoas uniformes, planas, foscas, não havendo objeto algum que merecesse preferência sobre os outros” (ANTUNES, 2014, p. 4). Não raramente, o homem moderno pode se comportar com cinismo, ceticismo etc., como expressões dessa indiferença e distanciamento.

A esse mecanismo psicológico de adaptação, une-se a atitude de reserva. Essa atitude está ligada a algum tipo de desraizamento subjetivo causado pela necessidade de um afastamento emocional. Mais uma vez aqui, Simmel procede ao recurso do contraste, especificando o que há de novo no mundo moderno. A vida metropolitana reúne uma diversidade incontável de coisas e pessoas, alargando os círculos sociais e a incidência de contatos públicos, o que inviabiliza as reações interiores que o homem estabelece nas pequenas localidades, onde o indivíduo tem uma relação ativa com quase todos que encontra. Conforme Simmel (1997), se instituíssemos essa mesma relação ativa na metrópole nos encontraríamos completamente atomizados interiormente e cairíamos numa condição mental deplorável. A insensibilidade e o distanciamento – e isso é fundamental – são exigências da vida moderna se se quiser preservar a individualidade.

A atitude de reserva representa mais que indiferença em relação às particularidades – característica central do *blasé* –, ela significa uma certa aversão, uma “leve antipatia” em relação ao outro. Posso dizer que paira um sentimento permanente de insuportabilidade perante o outro.

Todas as pessoas potencialmente, em uma ou outra circunstância, podem representar uma ameaça à sua intimidade.

Tenho que reiterar que a modernidade é atravessada por contrastes. Dessa forma, as atitudes *blasé* e de reserva são o outro da liberdade pessoal. Esses mecanismos psicológicos de defesa são recursos utilizados para garantir a mobilidade e a diferenciação sociais. Devido a um mundo igualado, é que temos a possibilidade de nos distinguir e de nos fazer reconhecidos, libertos da ticanhez e de restrições dos preconceitos das pequenas localidades.

Vale ainda salientar que a luta do homem pela preservação da liberdade e individualidade tende a se tornar cada vez mais violenta, pois a cultura objetiva se estende e penetra em todas as coisas, subtraindo progressivamente o sentido do mundo. É a partir da posição do indivíduo no mundo que Simmel apreende a relação entre indivíduo e sociedade nas grandes cidades modernas.

Simmel destaca ainda as pontecialidades presentes nessa forma especificamente moderna de aglomeração espacial que é a grande cidade. Enquanto arena de lutas e espaço de convergências, a metrópole reúne as condições de definição e redefinição do papel e do lugar do indivíduo na sociedade. Alerta-nos, ainda, que, ao pesquisador, não cabe o papel de árbitro, seja adepto oupositor, cabe ao investigador compreender as formas especificamente metropolitanas de expressão.

3. O urbanismo: a forma especificamente urbana

Em *O urbanismo como modo de vida*, Wirth apresenta muitos pontos de encontro com o ensaio *A metrópole e a vida espiritual*, de Simmel, especialmente quanto à centralidade de algumas questões, uma delas, por exemplo, é a relação entre as grandes cidades e a modernidade. O autor ressalta o lugar estratégico e central dessa forma de associação humana como produtora e disseminadora de um tipo de comportamento social específico, um modo de vida que o diferencia de outros agregados sociais. A esse modo de vida, Wirth chama urbanismo, um tipo de prática espacial e cultural especificamente moderna e caracteristicamente cidadina.

O autor notou, àquela altura, o que é incontestável em nossos dias: um crescimento vertiginoso, em todos os cantos do globo, da concentração populacional em paralelo à expansão das grandes cidades, tanto em números como em influência.

O crescimento das cidades exigia dos sociólogos, sempre segundo o autor, uma caracterização precisa dos elementos que compõem o modo de vida urbano em relação ao modo de vida rural, pois o “exame dessa questão é um pré-requisito indispensável para a compreensão e o possível domínio de alguns problemas contemporâneos mais cruciais da vida social”

(WIRTH, 1967, p. 90). Distintuir a vida e as práticas urbanas da vida rural põe em evidência o que há especificamente de “novo” nas grandes cidades. Esse procedimento é ainda mais necessário na medida em que o crescimento das grandes cidades se dá pela incorporação de indivíduos oriundos da vida rural. Sendo assim, “[...] não devemos esperar encontrar variação abrupta e descontínua entre tipos de personalidades urbana e rural” (idem, *ibidem*). Esse ponto me parece um avanço em relação ao ensaio de Simmel, pois nas grandes cidades se entrelaçam modos de vida de origens diversas; tanto o modo de vida rural coabita na metrópole como o modo de vida urbano transpõe os limites da cidade em direção ao mundo rural.

Wirth, claramente influenciado por Simmel e Weber, estabelece uma tipologia de dois modelos básicos de associação humana para fins de pesquisa: o modelo urbano-industrial e o rural de *folk* como formas de agrupamentos humanos básicos.

Diferente de Simmel, que além de sociólogo ocupa um lugar no contexto filosófico do debate sobre a modernidade, Wirth é efetivamente um sociólogo urbano e suas preocupações estão ligadas a esse campo do conhecimento. O objetivo de Wirth é oferecer as coordenadas para uma teoria geral do urbanismo que sirva de orientação para a pesquisa empírica. Desse modo, seu ensaio ambiciona eleger um conjunto basilar de proposições para uma teoria do urbanismo.

A caracterização da cidade como entidade social é o ponto nodal dos esforços de Wirth. É necessário ao sociólogo identificar os elementos distintivos dessa forma historicamente determinada de associação humana, reunir seus caracteres sociais mais expressivos de forma nítida e chamar atenção para os fenômenos que modelam o caráter da vida social à sua forma específica urbana.

3.1 Definição significativamente sociológica de cidade

Até aquele momento, segundo Wirth, os conhecimentos produzidos pelos diversos campos do conhecimento – geografia, história, economia e ciência política – ainda não ofereciam princípios através dos quais fosse possível um conhecimento da natureza do urbanismo e do processo de urbanização. Um conjunto de definições eram produzidas a partir dos recortes particulares dessas disciplinas e essas tentativas unilaterais não captavam as singularidades do modo de vida das grandes cidades. A edificação de uma sociologia urbana requeria um esforço em reunir essas definições parciais entorno daqueles elementos do urbanismo que marcam de um modo distinto a vida dos agrupamentos humanos.

Um dos grandes problemas encontrados por Wirth é a associação entre urbanismo e os aspectos meramente físicos da cidade. Os limites frotiços, por exemplo, dificultam a apreensão do urbanismo como traço indelével da vida nas grandes cidades. O autor lembra que esses limites de caráter administrativo são absolutamente arbitrários. O modo de vida urbano não é restringido por nenhuma linha imaginária, inversamente extrapola esses limites arbitrários extendendo sua influência por onde passa. Temos, aqui, uma noção incipiente de tecido urbano.

A urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporadas em seus sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos que são aparentes entre os povos sejam eles quais forem, que tenham ficado sob o encantamento das influências que a cidade exerce [...]
(WIRTH, 1967, p. 92).

Em primeiro plano, estão aspectos culturais, políticos e sociais; as determinações físicas apenas são importantes quando potencializam esses aspectos. A particularidade do modo de vida urbano – urbanismo – situa-se no fato de que exerce influência sobre outros modos de vida. Um conceito adequado deve contemplar esses fenômenos em suas dimensões física e social, com a primazia da segunda sobre a primeira.

Na busca de uma definição da cidade como entidade social, Wirth, claramente influenciado por Weber, constrói um tipo-ideal² de cidade. Como construção típico-ideal, a sua função é acentuar os elementos gerais e característicos do urbanismo como modo de vida, permitindo ao pesquisador verificar numa multiplicidade de tipos ou formas de cidade a maior ou menor presença dos elementos selecionados por Wirth para caracterizar a vida nas grandes cidades.

Com a utilização dessa ferramenta heurística, Wirth pode, na presença de uma grande variação de formas de organização espacial e social citadinas – como a cidade industrial, de mineração, pesqueira, universitária etc. –, destacar o que considera essencial e distintivo entre todas. De acordo com Wirth (1967, p. 94), “uma definição sociológica deve [...] ser suficientemente inclusiva para conter quaisquer características essenciais que estes diferentes tipos de cidades têm em comum como entidades sociais [...]”.

² “Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou de vários pontos de vista e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. É impossível encontrar empiricamente na realidade este quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia” (Weber, 2001, p. 137).

Agora, cabe aqui apresentar os elementos que formam o arcabouço geral da iniciativa de Wirth na busca de uma definição da cidade como entidade social, ou, dito de outra forma, suas proposições essenciais para uma teoria do urbanismo como modo de vida.

3.1 Tamanho, densidade e heterogeneidade

A cidade é um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos. Essa é a definição sumária de cidade em Wirth. A questão vertebral para o sociólogo urbano é descobrir os elementos constitutivos do tipo de personalidade e organização social produzido por essa forma de associação humana.

Como expus em outro momento, esses três elementos só importam na medida em que implicam em uma nova forma de ser, em um modo de vida. E é a relação desses três fatores com a emergência do urbanismo que Wirth nos apresenta.

O **tamanho do agregado populacional** está relacionado com a diversificação social, suscita um processo de diferenciação entre os indivíduos. O crescimento populacional aumenta a variação de sujeitos, vinculados às mais diversas versões ideológicas, étnicas, culturais etc. Esses indivíduos de origens diversas tendem a se agrupar nos espaços sociais por suas afinidades seletivas. A própria ocupação dos espaços urbanos será determinada por essas compatibilidades. Também como resultado do crescimento populacional “os vínculos de parentesco, de urbanidade e os sentimentos característicos da vida em conjunto durante gerações sob uma tradição *folk* comum tenderão a desaparecer” (Wirth, 1967, p. 98). Com o enfraquecimento dos mecanismos de controle coletivos tradicionais, a concorrência e os mecanismos formais de organização tornam-se os principais aparelhos de ordenamento social.

Na esteira de Simmel, ele observa que o aumento da população gera também relações impessoais. O número de habitantes determina a qualidade dos contatos sociais – secundários sobre os primários – e repercute imediatante em um tipo de compreensão de totalidade social por parte dos indivíduos. Desdobra-se daqui, também, um incremento da dependência entre os indivíduos, produzido pela fragmentação da sociedade expressa na divisão do trabalho. Como consequência, as interações são marcadas pela superficialidade e transitoriedade, produzindo o que Simmel chamou de atitudes *blasé* e de reserva. O utilitarismo e o individualismo são o produto por excelência desse processo. As relações se dão pelas formas sociais que revestem os indivíduos. Não os relacionamos com pessoas, mas, sim, com papéis sociais, e a bússola que orienta esse comportamento é a racionalidade. Wirth infere daí basicamente as mesmas consequências que o autor de *A metrópole e a vida do espírito*, inclusive o duplo caráter desse

movimento, liberdade e dependência. Em suas palavras, “embora, portanto, o indivíduo ganhe, por um lado, certo grau de emancipação ou liberdade de controles pessoais e emocionais de grupos íntimos, perde, por outro lado, a espontânea auto-expressão (*sic*)” (WIRTH, 1967, p. 100).

Wirth acrescenta o conceito de anomia de Durkheim como resultado desse processo. No entanto, como afirma Agier (apud ANTUNES, 2014, p. 8), “(...) Wirth desloca o conceito durkheimiano, o qual deixa de ser encarado como explicação dos comportamentos individuais desordenados que podem levar ao suicídio, para tornar-se parte fundamental da cultura urbana”. Os mecanismos de coesão social urbana estão submetidos a um estado de instabilidade devido à frouxidão dos elos morais e espaciais, o que significa um equilíbrio sempre tênue da vida urbana.

A **densidade** é outro elemento que ecoa consequências sociológicas importantes na vida nas grandes cidades. A alta proximidade física e a distância social são as características do adensamento espacial, o que reafirma os impactos do crescimento populacional sobre a personalidade e as formas de ação dos indivíduos metropolitanos. O adensamento acirra a competitividade entre as pessoas e o caráter instrumental das interações intensificando a luta pelo espaço. Nesse mosaico de mundos sociais, onde a transitoriedade é a marca, os controles formais são fundamentais para impedir o caos. Wirth ressalta a importância de mecanismos formais, como o relógio e o sinal de trânsito. O casamento entre crescimento populacional e adensamento demográfico rebate, psicologicamente, em um estado de irritação e atritos constantes, além de tensões nervosas reforçadas pelo ritmo acelerado da vida urbana.

A mobilidade proporcionada pela vida nas grandes cidades cria formas de inserção social que dirimem as consequências inquietantes advindas da explosão populacional e densidade. Com a **heterogeneidade**, os indivíduos têm a possibilidade de diversificar os espaços sociais onde podem levar a cabo seus projetos pessoais, devido aos seus diferentes interesses emanados. “[...] De diferentes aspectos da vida social, o indivíduo se torna membro de grupos bastante divergentes, cada um dos quais funciona somente com referência a um segmento da sua personalidade” (WIRTH, 1967, p. 104).

Os diversos grupos sociais figuram como a única forma de participação social e política, visto que as relações mais pessoais e a noção de totalidade são alijadas pelas condições mesmas da organização social urbana. Wirth retira daqui uma consequência política desse tipo de organização social: a participação por delegação e a massificação da informação.

Resumindo: o número, a densidade e a heterogeneidade influem no comportamento social das grandes cidades, resultando, por seu turno, no urbanismo como modo de vida. Esse típico grupamento humano é composto por uma ordem ecológica, um sistema de organização social e um conjunto de atitudes e ideias específicos, como vimos ao longo do texto.

Quero considerar, ainda, outro ponto de divergência entre Simmel e Wirth, pois entendo como fundamental em termos teóricos e metodológicos. Wirth considera urbanismo um fenômeno social autônomo em relação ao industrialismo e ao capitalismo moderno, ou seja, as características inerentes ao urbanismo possuem uma realidade e estatuto próprios e não está subsumido pela lei ou princípios que governam os dois outros fenômenos sociais. Não significa que a industrialização e o desenvolvimento da economia monetária não se relacionam com crescimento das grandes cidades e o urbanismo como modo de vida, mas devem ser estudados como fenômenos paralelos e que se implicam.

4. Considerações finais

Ambos os autores tentam apreender as particularidades da vida nas grandes cidades a partir do impacto dessa realidade sobre as interações entre os indivíduos. Compreender as complexas formas de sociabilidade nas cidades não é um empreendimento teórico que perdeu seu objeto. Inversamente, a centralidade da vida urbana percebida por esses autores como uma tendência histórica é reafirmada de maneira virulenta em nossos dias, assim como muitos dos traços presentes e observados por Simmel e Wirth, respectivamente, na Berlim do fim do século XIX e na Chicago das primeiras décadas do XX, radicalizaram-se e se expandiram.

A supressão das barreiras espaciais possibilitada pelo desenvolvimento das tecnologias de transporte e comunicação, a volatilidade dos processos econômicos representada na hegemonia do capital financeiro, a aceleração da vida, a produção da insegurança como uma mercadoria, o surgimento de patologias psíquicas genuinamente modernas, a naturalização da perplexidade e do absurdo, essas e outras questões estão presentes nos estudos desses autores e nunca foram tão atuais.

A instantaneidade é o mais atual produto da vida urbana. Podemos ver seus impactos na obsolescência programada e no consumo sem precedentes do mundo natural, mas não apenas. Pessoas também estão sendo consumidas e descartadas como qualquer outra mercadoria, como escandalosamente denuncia a superfluidade do trabalho. Como bem observa Virilio (2010, p. 44), “[...] já passamos da era industrial da exploração para aquela em que, de modo oposto, já não se explora mais, agora se expulsa e se extermina com muito mais frequência”.

A atitude de recusa ou a proteção do intelecto se esfarela perante a avalanche de imagens, signos, símbolos e ideias produzidas em uma velocidade indecodificável. Um processo asfíxiante de racionalização do tempo e do espaço que deteriora qualquer possibilidade de construção de referências. As repercussões psicológicas e sociais desses fenômenos alcançam todo o mundo,

pois sua sede é a vida urbana, e hoje o mundo é urbano. Pretendi demonstrar o quanto as questões apresentadas por esses autores permanecem vivas e centrais para a compreensão do modo de vida urbano hoje.

Referências

ANTUNES, H. F. O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth. **Ponto Urbe** – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP – nº 15, 2014.

BIRMAN, J. O trágico na modernidade: uma leitura da problemática da metrópole em Simmel, nas suas releituras e rupturas. In: PECHMAN, R. M. (org). **A Pretexto de Simmel: cultura e subjetividade na metrópole contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

HAROCHE, C. A vida mental nas grandes cidades contemporâneas diante da aceleração e do ilimitado. In: PECHMAN, R. M. (Org). **A pretexto de Simmel: cultura e subjetividade na metrópole contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

SIMMEL, G. (1997). A metrópole e a vida do espírito. In: FORTUNA, C. (org.). **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras: Celta, 33-45 [1903].

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP. Editora 34, 2000.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. Tradução de Augustin Wemet. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WIRTH, L. 1967 [1938]. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro.